A autoridade da palavra e a questão da seca na missão profética de Elias: análise narrativa de 1Rs 17–18

Rita Maria Gomes[1]

Resumo

Este artigo tem por objeto a aplicação do método narrativo a um trecho do drama de Elias. Por essa razão, tem um caráter mais metodológico e esquemático em sua apresentação. O objetivo é perceber o desenrolar do tema da palavra numa trama episódica encabeçada pelo profeta Elias em seu enfrentamento com os adversários do Senhor. Para isso, seguimos os seguintes passos: delimitação do tema, localização do texto analisado no interior do Livro dos Reis e a análise propriamente dita do texto bíblico, seguindo os pontos chaves desse método: estruturação, personagens, moldura. Ao final, chegamos à compreensão da teologia presente na narrativa pela atenção à palavra que conduz o profeta em sua missão.

Palavras-chave: Senhor. Método narrativo. Ciclo de Elias-Eliseu. Livro dos Reis. Profeta.

Introdução

A finalidade deste artigo é a análise de um trecho do ciclo Elias-Eliseu a partir do método narrativo. Para realizar esse intento, verifica-se os indícios literários que permitem o recorte numa unidade menor. Por isso, seguindo a exigência metodológica, apresentamos a delimitação do texto. Ao seguir os critérios da análise narrativa, percebe-se que os capítulos 17 e 18 de 1 Reis formam uma intriga episódica (MARGUERAT; BOURQUIN, 1998, p. 71). Isso significa que temos uma história contada em vários episódios bem conectados e que, portanto, podem legitimamente ser analisados isoladamente, mas trazem um tema comum. Com base nessa percepção, tomamos para análise os capítulos 17 e 18 integralmente.

[1] Doutora em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE. Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: rita.gomes@unicap.br

1 Delimitação do texto

1Rs 17,1 abre uma nova unidade narrativa, porque inicia apresentando Elias como o profeta a quem Deus dirige uma palavra e não tem nenhuma relação direta com o texto anterior no qual se dá o anúncio da subida ao trono, do reino do Norte, de Acab, filho de Amri. O rei Acab, como personagem atuante, só vai aparecer no capítulo 18 de nossa intriga episódica. Isso significa que temos um novo grupo de textos nos quais os personagens e os ambientes são distintos, e há uma indicação temporal para cada unidade menor dentro da intriga. Muda também a temática, pois, no texto anterior, tratava-se apenas de informações genéricas sobre o reinado de Acab, enquanto aqui temos um tema explícito, a seca, e um implícito, a autoridade da palavra, que perpassam os dois capítulos aqui considerados. O limite final está marcado também por uma mudança de lugar, o monte Horeb, a entrada de Jezabel como personagem atuante, e a temática do encontro com Deus na montanha.

2 Contextualização

1Rs 17–18 é precedido do anúncio da subida de Acab ao trono do Reino do Norte. Ele reinou por longos vinte e dois anos e, segundo o juízo de valor deuteronomista, "irritou o Senhor mais que todos os outros que o precederam" (1Rs 16,33). A atuação profética de Elias se dá em contraposição a esse rei. Isso justifica a inserção do Ciclo Elias-Eliseu nesse lugar. O capítulo 19, por sua vez, desenvolve as consequências dos eventos ocorridos no capítulo 18, principalmente, a morte dos profetas de Baal. Temos, portanto, em 1Rs 17–18, dois momentos distintos de uma única intriga: a autoridade da palavra profética e a questão de quem é o Senhor da criação. O tema da seca serve como motivação para a apresentação da autoridade do Senhor frente a Baal, pois, esse tema se estende de 1Rs 17,1, "com o anúncio", a 1Rs 18,46, "com o fim da seca". A tradição de Elias é inserida na parte referente à realeza em vista da teologia deuteronomista que tem como maior interesse apresentar a palavra profética dirigida contra a infidelidade dos monarcas (MINETTE DE TILLESSE, 1996, p. 134).

3 Análise narrativa de 1Rs 17–18[2]

O texto de 1 Rs 17–18, composto de narrativas episódicas, é unificado pelo movimento da palavra, seja do profeta, seja do Senhor e pelo termo "chuva". Em 17,1 é anunciado que "nestes anos não haverá nem orvalho nem chuva"; em 18,1 temos "vou mandar chuva sobre a face da terra" e em 18,45 "caiu uma forte chuva". O termo "chuva" não marca apenas a grande inclusão, ele indica, também, o centro dessa intriga narrativa com a apresentação do profeta do Senhor diante do rei Acab.

Situação inicial ou Exposição: Elias anuncia a Acab um período de seca (17,1)

Ação: A peregrinação de Elias determinada pela palavra do Senhor (17,2-24)

Clímax: Elias diante de Acab, anúncio da chuva (18,1-19)

Desfecho: Elias versus profetas de Baal, YHWH versus Baal (18,20-40)

Situação final: A chegada da chuva, fim da seca (18,41-46)

Internamente temos duas unidades, sendo a primeira delimitada pelos versículos 1 e 24 nos quais se fala da palavra do profeta em relação à palavra de Deus. Em 17,1 o profeta anuncia a seca em seu nome "quando eu o ordenar" e, em 17,24, a viúva declara "o Senhor fala verdadeiramente por sua boca", corrigindo não o profeta e sim a compreensão inicial do leitor. No interior do capítulo 17, os episódios se ligam tanto pela figura de Elias quanto pela temática do alimento: Elias é alimentado pelos corvos em Carit (vv. 2-7) e pela viúva, em Sarepta (vv. 8-16); o terceiro texto se liga aos demais de modo levemente diferente, apenas pelos personagens: Elias, a viúva e seu filho (vv. 17-23). A segunda unidade se organiza pelo personagem Elias e pela expressão "diante de Acab", presentes em 18,1 e 18,46. Os textos no interior dessa unidade se organizam ao redor do rei Acab e do profeta Elias representando Baal e YHWH, respectivamente.

3.1 Exposição: Elias anuncia a Acab um período de seca (17,1)

O horizonte de fundo dessa narrativa é o culto baalista, do qual se contaminou o rei Acab por sua união com Jezabel. Para Acab, o senhor da natureza, portanto, da

[2] O texto bíblico usado como fonte da análise é retirado da Tradução Ecumênica da Bíblia e, por vezes, da Bíblia de Jerusalém.

chuva, era baal. Elias anuncia que é YHWH o senhor da natureza. Contudo, o profeta, mesmo falando em nome do SENHOR, condiciona o retorno da chuva a uma palavra sua. Para Acab, Elias está entrando num espaço que não lhe pertence. Esse era o campo de Baal. A questão da autoridade aparece de modo claro: tanto a autoridade do profeta, na condição de porta-voz de YHWH, como a do próprio Deus em relação à criação. Será verdadeira a palavra do profeta? No versículo inicial é exposto o anúncio da seca e, embora passe em silêncio as necessidades, a fome e a sede, esse é o cenário que se vislumbra com as palavras proferidas por Elias. A penúria, em todos os âmbitos, é a consequência natural da seca. O profeta também será atingido por ela, como ele se sairá? A sequência da narrativa nos leva a outro espaço e tempo em que a ação vai responder às questões suscitadas inicialmente.

3.2 Ação: A peregrinação de Elias determinada pela palavra do Senhor (17,2-24)

O movimento narrativo revela a obediência do profeta à palavra do Senhor que lhe vêm. Após o anúncio da estiagem, feito a Acab, o Senhor envia o profeta à torrente de Carit, a leste do Jordão. Por que esse lugar determinado? Por que é importante situar ao leste do Jordão? A localização da fonte diz muito. Esta fica em Israel, mas como estavam seguindo Baal não percebiam. Cometiam o erro denunciado por Jeremias, trocavam a fonte de água viva por cisternas rachadas (Jr 2,13). Diz-nos o v. 5 que *ele partiu e agiu conforme a palavra do Senhor*. Mas a narrativa passa em silêncio total sobre o que fez o profeta nesse período. Informa-nos apenas que "*conforme a palavra do Senhor*", ele bebeu da corrente e foi alimentado por corvos, que levavam pão e carne pela manhã e à tarde. A preocupação do narrador com a comida, a falta e o suprimento desta aponta para o extraordinário alimento dado ao profeta. A ele, o Senhor alimenta e sacia segundo sua palavra (v. 4-6). A providência do alimento e da água faz alusão ao maná mandado por Deus no deserto e à água da rocha que é dessalinizada (Ex 16,1ss; Nm 11; Ex 15,22-27; 17; Nm 20,1-13). Elias é, de certo modo, equiparado a Moisés (CRÜSEMANN, 2001, p. 779). Ao narrador, importa mostrar que a providência do alimento é devida a YHWH somente.

O primeiro episódio dessa unidade inicial se fecha com a informação de que a torrente secou. Esse fato justifica a continuidade da cena, pois novamente a palavra

do Senhor vem ao encontro do profeta e o envia a outro lugar, agora, a Sarepta, em Sídon. Tecnicamente, este seria o mundo de Baal, onde reinava impávido e sereno. Isso revela que IHWH é senhor de tudo. E, mais uma vez, Elias, sem expressar a menor resistência ou dúvida, obedece e vai. Segundo a narrativa, o Senhor ordenara a uma viúva que o sustentasse. Estranha informação! As viúvas, juntamente com os órfãos e os estrangeiros, eram responsabilidade dos reis e de quem pudesse socorrê-los. Era, sobretudo, para com essas pessoas que o rei devia expressar o direito, praticar a justiça, segundo a Lei. Nessa perícope, é uma viúva que vai sustentar o profeta, mediante uma ordem do Senhor. Nessa cena, se reúnem, sob a proteção de YHWH, as três categorias de necessitados: o estrangeiro Elias, a viúva e o órfão. Elias aparece como o estrangeiro, já que está fora de Israel. Mas, quanto à fé, a viúva é a estrangeira, pois certamente adorava ao deus do lugar. Ao pedido de Elias ela responde: *certo como vive o Senhor teu Deus.* Na concepção da viúva, YHWH é deus, mas não o seu deus.

A sequência da narrativa ressalta o tema da vida e da morte. Quem afinal é o senhor da vida: Baal ou YHWH? A terceira cena nos coloca diante de duas posturas distintas frente à fé javista. Tanto o profeta Elias quanto a viúva são confrontados com seu modo de vivenciar e descobrir a verdadeira fé. Ao colocar a responsabilidade da doença e morte do filho na presença de Elias em sua casa, a viúva revela sua compreensão de fé, fundamentada na retribuição. A presença do profeta atrai o olhar de Deus para seu pecado e, consequentemente, o castigo. Diante de tal fato, Elias, que até então demonstra sua total confiança e adesão incondicional ao Senhor, coloca-se diante de Deus de modo queixoso. Ele não compreende como o Senhor pode tratar assim quem só lhe fez bem, quem o socorreu. Elias também está baseado na retribuição. Ambos são confrontados com um aspecto da fé até agora não considerado: a gratuidade do Deus da vida. O Senhor é Deus, por isso, o único que tem realmente poder sobre a vida e a morte e que não se deixa encerrar em concepções humanas estreitas.

A título de resumo dessa unidade podemos ressaltar o movimento que vai da fome, miséria e morte, ocasionadas pela conduta do rei que não segue o Senhor, não pratica o direito e não reconhece o Deus da vida, a uma experiência de vida, ressurreição, abundância de comida, renovação da fé do profeta e profissão de fé da

viúva estrangeira. Como resultado dessa primeira unidade temos algumas situações curiosas: um rei israelita que segue a Baal, uma divindade estrangeira; uma viúva estrangeira que reconhece o Deus de Israel; e um profeta fiel, mas que ainda desconhece bem o seu Senhor. Os dois últimos personagens são sustentados pela misericordiosa ação do Deus de Israel em meio à seca. Por fim, o profeta é reconhecido como tal pela mulher estrangeira.

3.3 Clímax: Elias diante de Acab, anúncio da chuva (18,1-18)

O ponto alto dessa intriga é o encontro de Elias com Abdias e sua apresentação frente a Acab. Esse texto é claramente um novo início que retoma a expressão de 1Rs 17,1 "*a palavra de YHWH foi dirigida a Elias.* Mas isso não é tudo, pois o texto traz uma informação temporal importante, "no terceiro ano", indicando o terceiro ano após os acontecimentos de Sarepta como o momento da última vez em que a palavra do Senhor veio a Elias. 1Rs 18,1 forma um espelho com 1Rs 17,1. A diferença é que, aqui, essa presença diante de Acab, e o anúncio do fim da seca, é ordenada pelo próprio Deus, o que não foi evidenciado no primeiro texto.

Esse texto tem algo de irônico, pois começa informando que era grande a fome na Samaria. Mas, frente à calamidade da fome advinda com a terrível seca, o rei preocupa-se com os animais e não com o povo. Ele chama o intendente do palácio para percorrer a terra em busca de "todas as fontes e torrentes" para ver se encontram pasto para os cavalos e os burros e não tenha que sacrificar os animais. Ora, o texto não fala nada sobre a fome que certamente atingia as pessoas. O rei de Israel que era o "lugar tenente" de Deus e deveria governar para o povo de Israel como se fosse o próprio Deus, não parece importar-se com a fome do povo.

O rei também não parece muito preocupado com o destino dos profetas de YHWH, pois foi o seu servo que, arriscando a própria vida, salvou a vida dos profetas do Senhor e não o seu rei. O rei de Israel não segue o javismo e sim o baalismo e isso se torna patente no tão esperado encontro com Elias. Segundo a narrativa, a informação que traz Abdias é que Acab mandou buscar Elias em todos os reinos. Esse encontro é narrado em poucos versículos e mostra um enfrentamento forte e estranho. Acab acusa Elias de ser "o flagelo de Israel". Ele acusa o profeta de ser o

responsável pela seca e pela fome que atinge a Samaria. A resposta de Elias é a da teologia deuteronomista: a infidelidade do rei e de sua família é a razão para todo o sofrimento, fome e sede que a população sofre. Foi porque o rei e sua família seguiram a Baal que a calamidade chegou.

3.4 Desfecho: Elias versus profetas de Baal, YHWH versus Baal (18,19-40)

A cena que se inicia no versículo 19 é consequência direta do encontro-enfrentamento entre Elias e Acab. O rei, curiosamente, obedece a ordem de Elias de convocar todo o Israel com os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e os quatrocentos profetas de Aserá. Todo o relato visa a demonstrar quem de verdade é Deus, se YHWH ou Baal. Esse texto tem um elemento típico de uma teofania: o fogo. Está construído de modo a exaltar a grandeza de YHWH frente a Baal que, ao final, não passa de um ídolo. Seus quatrocentos e cinquenta profetas clamam desde a manhã até o meio-dia sem que Baal responda com o fogo para consumir a oferenda. O texto diz literalmente "não houve voz, nem resposta". Ao meio-dia, Elias zomba dos profetas de Baal que curiosamente seguem o que diz Elias como se fosse algo sério e gritam mais alto. Ao final, os profetas de Baal passaram todo o dia clamando sem qualquer resposta, pois o texto diz que eles entraram em transe depois do meio-dia até a hora da apresentação da oferenda.

Nessa hora, Elias toma a palavra e convida a que todo o povo se aproxime dele. Ali restaura o altar do Senhor com doze pedras representando as doze tribos de Israel, coloca sua oferenda sobre o altar e toma outras medidas que dificultariam o acender o fogo que consumisse a oferenda. Após lançar água por três vezes sobre a oferenda e sobre a lenha, o rego feito ao redor do altar ficou cheio de água. Só depois dessas providências, Elias faz sua oração ao Senhor e pede que Ele o responda. Deus responde com o fogo que seca a água e o holocausto, a lenha, a terra secando a água que ficara no rego. A resposta estava dada: só YHWH é Deus, Baal não é nada.

A última cena dessa unidade volta a atenção de novo para Elias e Acab. Após a eliminação dos profetas de Baal, Acab sobe para comer e beber, e Elias sobe para o cume do Carmelo para orar e aguardar a chuva que o Senhor havia prometido que enviaria. Com a chegada da chuva se fecha a intriga narrativa marcada pela seca.

4 Personagens e Moldura do texto

Na exposição de 1Rs 17–18, os principais personagens são Elias e Acab. Nada é revelado de Acab no início do texto. Ele fora apresentado pouco antes como um rei injusto, o pior até então. No início do texto, interessa ao narrador a palavra proferida pelo profeta e as consequências dessa palavra. Elias é o profeta do Senhor e se revela como tal. Ele faz, já no início, sua profissão de fé no Deus em nome de quem fala. A personalidade do profeta será conhecida ao longo de sua atividade profética. Elias é fiel a YHWH, um verdadeiro ouvinte que prontamente faz o que o Senhor ordena. Revela tal confiança na providência divina que não ousa questionar "o como" se encaminharão as coisas, simplesmente obedece. Elias, em dado momento, é levado a dar um novo passo em sua fé, sendo conduzido ao conhecimento de Deus que não está circunscrito em seu modelo retributivo. O tema que emoldura e dá sentido às cenas internas é a questão da política de alianças da realeza e os problemas religiosos ligados a elas. A aliança de Israel com a Sidônia através do casamento de Acab com Jezabel resultou na introdução do culto baalista em Israel. As cenas se seguem e mostram um crescendo no enfrentamento entre a fé javista e o baalismo.

Considerações finais

A mensagem teológica das narrativas episódicas segue o movimento da palavra. Primeiro vemos a palavra aparentemente do profeta ao rei, mas o anúncio do início e do fim da seca está condicionado à palavra divina. No v. 24, encerrando a série de episódios, está o reconhecimento da palavra do profeta como verdadeira pelo testemunho da viúva estrangeira. A Palavra do Senhor é que conduz o profeta em seu caminho. Elias fala ao rei de Israel de quem se esperava a fidelidade a Deus, a escuta de Sua Palavra e a prática da justiça. O rei devia assegurar a pureza religiosa do culto a YHWH. Isso implicaria o afastamento das práticas cultuais baalistas, o que não ocorre. O reconhecimento vem, ironicamente, de uma estrangeira. Contudo, o ponto principal do texto é a revelação de que YHWH realmente é o verdadeiro Deus, o Senhor da vida e de todos os lugares. Ele tem poder sobre a vida e a morte; só ele pode dar o que falta e sustentar o povo em tempo de penúria e não Baal. Hoje, em

nossas igrejas e também fora delas, o espaço concedido aos "baais" cresce a cada dia. A narrativa de Elias chamado, enviado, sustentado e provado na purificação de sua fé chega a nós como um convite a buscarmos o verdadeiro Deus e a refletirmos se não estamos vivendo na infidelidade, seguindo a Baal e não o Deus da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA Tradução ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1995.

MARGERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas*: iniciação à análise narrativa. São Paulo: Loyola, 2009.

ÁLVAREZ BARREDO, Miguel. Las narraciones sobre Elías y Eliseo en los libros de los reyes. Formación y teología. *Carthaginensia XII* (1996), p. 1-123.

SELLIN, Ernest; FOHRER, Georg. *Introdução ao Antigo Testamento.* São Paulo: Paulinas, 1978, p. 320-336.

MINETTE DE TILLESSE, Gäetan. Martin Noth e o Deuteronomista. *Revista Bíblica Brasileira*, v. 10 n. 1-2, 1993.

THE SONCINO TALMUD (Software © Judaica Press, 1990 Soncino Press, Ltd; is a product of Judaica Press, Inc. Brooklyn, NY).

CRÜSEMANN, Frank. Elias e o surgimento do monoteísmo no Antigo Israel. *Fragmentos de Cultura*, v. 11, 2001, p. 779-790.